

VARIAÇÕES | VARIATIONS

ANTROPOLOGIA DA MORTE

Uma ficção etnográfica que habita as fronteiras entre o real e o imaginário



Anthropology of Death: An ethnographic fiction that inhabits the borders between the real and the imaginary

Eládio Fernandes de Carvalho Junior

Universidade Federal de Goiás

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social | Goiânia, Brasil

efcjr@hotmail.com | ORCID iD: 0000-0001-5136-9332



NOVOS DEBATES, 9(2): E9206, 2023
DOI: 10.48006/2358-0097/V9N2.E9206

Resumo

Segundo o escritor Wolfgang Iser (1996), a ficção promove duas formas de transgressão; uma de “irrealizar o real”, que serviria para não reproduzir o universo empírico na íntegra, abrindo espaços para reinventar e reivindicar novas ordens. E outra de “realizar o irreal”, onde tudo é possível acontecer, de maneira que o processo de existir e a singularidade se fazem a partir de leis e determinações próprias do autor. Dessa forma, o texto ficcional não deve ser encarado como um texto falso, mas sim como trazendo verdades consigo sob uma perspectiva diferente, em que se cria mundos e personagens imaginários. Certas “verdades” podem ser às vezes muito difíceis de serem encaradas a luz da razão, por isso lanço mão de um texto ficcional, que vai diluir a dura realidade por meio da criatividade, por esse ser um excelente recurso para proteger os sentimentos de informantes e do autor, garantindo segurança e sigilo ao primeiro. Dessa forma, crio um personagem fictício, muito peculiar e inefável, por vezes cômico e questionador, que toma o papel do etnógrafo fazendo uma descrição de um dia em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), em uma cidade do interior do Brasil. Assim, o personagem funde as fronteiras entre a biopolítica foucaultiana e a tanatopolítica agambiana, bem como a necropolítica de Achille Mbembe, denunciando o genocídio que está ocorrendo no Brasil, tendo como dispositivo uma doença: a Covid19. Ele também questiona os ritos de morte que a doença provoca, acabando com todas as faustas homenagens e honrarias aos mortos, fazendo desaparecer pessoas em um genocídio tão bem estruturado que visa apagar qualquer rastro da existência humana.

Palavras-chave

pandemia; covid-19; morte e ficção.

Abstract

According to the writer Wolfgang Iser (1996), fiction promotes two ways of transgressing; one concerned with “unrealizing the real”, which would serve to not reproduce the empirical universe in its entirety, open spaces to reinvent and claim new orders; and a second concerned with “realizing the unreal” where everything is possible to happen, so that the process of existing and the uniqueness of it is made from laws and determinations of the author. So the fictional text is not a false text, but brings truths with it about a different perspective, where imaginary worlds and characters are created. Truths that are sometimes very difficult to be faced, in the light of reason, so I make use of a fictional text, which will dilute the harsh reality in creativity. Fiction is an excellent resource to protect the feelings of informants and the author, guaranteeing security and secrecy to the former. In this way, I create a fictional character, very peculiar and ineffable, sometimes comic and questioning, who takes on the role of the ethnographer describing a day in an Intensive Care Unit (ICU), in a city in the interior of Brazil. Thus, the character merges the boundaries between Foucault's biopolitics and Agambian tanatopolitics, as well as Achille Mbembe's necropolitics, denouncing the genocide that is taking place in Brazil with a disease as a device: Covid19. He also questions the death rites that the disease provokes, ending all the pompous tributes and honors to the dead, making people disappear in a genocide so well structured that it erases any trace of human existence.

Keywords

pandemic; covid-19; death and fiction.

“Devia ter amado mais
 Ter chorado mais
 Ter visto o sol nascer
 Devia ter arriscado mais
 E até errado mais
 Ter feito o que eu queria fazer...”
 (Epitáfio, Titãs)

Epitáfio ou rigor post mortem¹²

Inicio esse artigo com a música Epitáfio, do grupo Titãs. Não se trata aqui de uma escrita de boas novas, mas sim um texto que vai falar sobre perdas e fracassos. Portanto, devo advertir que se você, leitor/a, é sensível e compartilha do olhar dito “ocidentalizado”³ sobre a morte e o morrer, e que pensa que ela é um assunto muito desagradável de se falar e mais ainda de se ler, lhe aconselho a desistir⁴ de ler esse texto. Agora, se você tem coragem de enfrentar seus medos, que por anos foram implantados socialmente, sobre a morte, pego em sua mão e lhe ajudo nessa travessia difícil que se estenderá até o final dessas linhas. Então, inicio esse artigo com esses versos na epígrafe dizendo que a morte e o fracasso são essenciais para nossas vidas e que seguir em frente é necessário, e que falar de luto e perdas é mais que urgente e necessário em nossas vidas, principalmente durante essa pandemia. Os Epitáfios são inscrições sobre lápides tumulares ou em monumentos funerários, com a finalidade de homenagear uma pessoa morta. É nessa direção que caminha meu artigo, como nos revela o filósofo e sociólogo Roland

¹ Palavra em latim usada para designar os eventos ocorrido no corpo após a morte, em que os músculos se enrijecem, dificultando a manipulação do cadáver por profissionais.

² Decidi não nomear os itens do artigo de forma tradicional e sim questões relacionadas ao morrer que dá a ideia de introdução e conclusão.

³ Aqui utilizo Robert Elias (2001), sobre a dificuldade da sociedade em lidar com a questão da morte, que mais a frente será dialogada com esse autor.

⁴ Convido a desistência da leitura, mas isso também é um recurso imagético para despertar a curiosidade inerente do ser humano perante a inefabilidade da morte, mas desistir e fracassar também é resistir e admirável.

Barthes (2012), em seu texto “A morte do autor”⁵. Sua questão primordial é o desaparecimento do autor, para que nasça talvez a pessoa mais importante de um texto: “você”, o leitor. O diálogo deste texto, sobre realidade e irrealidade, com Barthes caminha no sentido de pensar a etnografia como ficção, utilizando também outros autores que trabalham a ficção como recurso para trazer verdades até então difíceis de serem reveladas à luz da razão, criando mundos e personagens imaginários portadores de uma mensagem real (ou não).

Também quero comparar o “rigor post mortem” ao rigor acadêmico que tanto tem adoecido mental e fisicamente discentes e docentes na nossa caminhada em uma pós-graduação, principalmente nesses tempos de aulas remotas e cumprimento de prazos. Esse momento pandêmico pelo qual atravessamos é também político em termos de lutas e fracassos, em que o ofício de antropólogo também me dá oportunidade de fracassar e falar sobre coisas até então não ditas nas ciências duras, sobretudo em minha profissão⁶, na área da saúde, coisas como a própria morte. Uma das máximas farmacêuticas é a promoção da vida através do uso racional de medicamentos, de maneira que falar de morte para esses profissionais é um tabu enorme. Esse artigo vem também cumprir essa demanda, através da antropologia da morte e do morrer, de ajudar profissionais de saúde a entender a morte, ou pelo menos diminuir o impacto psicológico em sua luta diária contra ela.

A antropóloga Fabiane Gama (2020) revela o rigor acadêmico que prevalece nos dualismos entre o eu e o outro, entre racionalidade e emoções, entre dados e análise; dualismos que precisam ser rompidos, portanto a academia não se deve sujeitar à “lógica iluminista, colonial e imperialista”⁷ (RIMONDI 2019 p. 65). Ela argumenta que contrariar essa estrutura e trilhar novos caminhos muitas vezes é arriscado, mas eles precisam ser trilhados. Compartilho desse pensamento e acredito que nossas

⁵ Trago esse autor logo no início do artigo, mas vou dialogar com ele intensamente mais no final, só que trago ele nesse ponto para falar sobre morte e nascimento.

⁶ Minha graduação foi em farmácia.

⁷ Nesse momento a autora cita o médico Gustavo Raimondi que é membro do Grupo de Trabalho Saúde da População LGBTI+ da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e sua tese de doutorado “Corpos que (não) importam na prática médica: uma autoetnografia performática sobre o copo gay na escola médica”

produções devem ressoar fora da academia e chegar para a população, muitas vezes referenciada como “leiga”, e entendo que outras formas de escrita podem facilitar isso – e muito. O Epitáfio vem para descrever também sobre quem é a pessoa morta. Então, esse, digamos, “epitáfio textual” vem explicar que esse artigo é estruturado em cinco tópicos: no primeiro, nomeado “Necronarrativas iniciais”, o intérprete fictício faz uma descrição da unidade de saúde que ele está visitando. No segundo, “Uma Antropologia da Morte”, o personagem faz uma descrição dialogando com autores que escrevem sobre antropologia e morte. No terceiro tópico, chamado “As três cabeças de Cérbero”, há um diálogo entre a protagonista do texto e os filósofos Michael Foucault, Giorgio Agamben e Achille Mbembe, que estudaram respectivamente a biopolítica, a tanatopolítica e a necropolítica. No quarto tópico, retomo a “realidade” e faço um diálogo com autores que pensam a etnografia como ficção; por fim, no último tópico, “A carta da morte: O tarot de Marselha”, encerro um ciclo pessoal e do texto.

Enfim, o texto foi um resultado híbrido de duas disciplinas cursadas no doutorado do PPGAS-UFG, a disciplina de “Seminários Avançados”, turma 2021/1, tão brilhantemente ministrada pela professora Janine Collaço, e também a disciplina “Antropologia da vida diante das catástrofes”, ministrada pelas professoras Suzane Alencar e Indira Nahomi, juntamente com o professor Alexandre Fujigaki. Portanto, dedico esse artigo a esses/as professores/as e a meu orientador Camilo Braz, que vem cada dia mais me fazendo apaixonar pelo ofício antropológico. Também dedico este texto aos trabalhadores da saúde⁸ envolvidos diretamente ou indiretamente no tratamento da Covid-19, da qual faço parte. Principalmente, viso com este texto homenagear e honrar os mortos da pandemia, pois como nos revela Norbert Elias (2001), falar de morte é honrar a vida. Vivenciar o luto é urgente e necessário nesse momento, até por uma questão de preservação da vida.

⁸ Aqui me refiro a trabalhadores pois apesar de médicos(as) e enfermeiros(as) estarem em contato direto com pacientes, eles só estão ali pois existe uma estrutura de outros/as trabalhadores(as), que tem sua participação tão valorosa quanto a deles e com remuneração inferior a deles como técnicos (as) de enfermagem, maqueiros(as), vigilantes, coveiros(as), cozinheiros(as) e o pessoal da limpeza entre outros trabalhadores das unidades de covid-19.

Necronarrativas iniciais

Estou hoje nesse hospital público. Ouço os barulhos dos aparelhos que mantêm ainda um fio de vida nos pacientes ali internados. Profissionais de saúde em uniformes verdes e azuis atravessam a sala monitorando e anotando dados que os aparelhos produzem – sinto que eles dão mais atenção às máquinas que aos humanos ligados a ela. Uma senhorinha ligada a uma máquina, ainda consciente, murmura algo ao médico. Não consigo escutar sua voz, que é muito fraquinha, e o médico responde de forma gritada: “Você precisa ficar quieta, senão vou ter que sedar a senhora”. A voz é brutal, alta e arrogante, mas ninguém se move para ajudar a senhora. Desço meu olhar para as mãos dela e vejo que elas estão atadas, assim como os pés, à cama do hospital. Apesar da ameaça do médico, não há sedativos disponíveis para conter a paciente, resultado das negociatas e negacionismos dos políticos desse país que tenho visitado muito ultimamente. Os gritos são corriqueiros para todos ali, e deveria ser para mim também, mas ainda me impressiono. Claro que não sou novata no ramo da saúde, muito pelo contrário, já trabalho nisso há muito tempo, mas ainda me choco como as pessoas tratam umas às outras.

No outro canto há um homem seminu, apenas de cueca, que se encontra sedado. A cabeça apoiada no ombro. Tubos saem de sua boca e nariz e os braços estão perfurados por agulhas e cateter. A sua pele está pálida quase que de um amarelo arroxeadado. Mesmo estando ele inconsciente, posso ouvir seus pensamentos: “preciso resistir”, “preciso viver”. Penso, feliz: “ainda não é a hora”. Passo pelos profissionais de saúde e vejo o quanto estão esgotados, tristes, mas assim como eu tem que continuar o trabalho. Escuto duas técnicas de enfermagem conversando, falando da oportunidade de poder trabalhar, pois a pensão do marido não dá para sustentar seus filhos, e me comove saber que uma delas pode ser mais uma futura vítima dessa pandemia.

Esta unidade de saúde com perfil para atendimento de Covid-19 é apenas mais uma das muitas que visito pelo Brasil. Está situada no interior do estado de Goiás. Poderia ser em outro estado, cidade ou país, mas escolhi neste momento descrever essa no Brasil, um país em que a epidemia adquiriu ares políticos e de uma doença que virou arma na mão de políticos para altos ganhos próprios, espalhando o medo e a desinformação, em uma espécie

de genocídio. Então, ao atravessar os portões dessa unidade, observo um vasto pátio em pedras do que é chamado aqui de “pedra de Pirenópolis”, uma cidade secular próxima a essa cidade, cujas famosas pedreiras fabricam materiais de calçamento. Mas, como a instalação da unidade foi aproveitada, por antigamente ser um convento de freiras que foi recentemente improvisado para se tornar um hospital, as pedras estão deslocadas, com uma poeira vermelha que levanta assim que as ambulâncias passam. Eu visitava às vezes o convento, mais para observar alguma freira doente, mas agora venho porque são moradores da cidade que sucumbem à Covid-19.

No pátio há um senhor com um caderno anotando tudo. Me interesso, me aproximo, e descubro que ele vai fazer uma visita para fiscalizar os recursos financeiros gastos pelo governo na implantação desse hospital. Ele observa dois técnicos de enfermagem, um rapaz branco de uniforme verde e uma moça negra com um lindo cabelo trançado em forma de coque dançando uma música da Lady Gaga, uma famosa cantora de pop rock. O senhor sorri e pede que eles continuem, pois é um único ponto de alegria em um lugar tão austero e frio como o antigo convento. O rapaz se empolga e desce rebolando até o chão, mostrando uma bandeira com as cores do arco-íris na tela do celular para o senhor que anota. Eles conseguem tirar gargalhadas do visitante, que até então demonstrava uma atitude tensa naquele banco de cimento. O banco é longo e vai se estendendo até a entrada do prédio, que está coberto por telhas de folha de zinco. Mais à frente do fiscal está outra técnica de enfermagem escutando um hino evangélico, olhando com ares de reprovação para o casal que rebola ao som de Lady Gaga. É como se ela buscasse um alívio espiritual que já habitou um dia aquele local, que abrigou freiras austeras vestidas com vestes marrons e negras.

A fachada do prédio é de uma amarelo desbotado. O lugar não recebeu nem uma mão de tinta para abrigar a unidade de saúde. As janelas são gradeadas e teladas com telas de metal enferrujadas. Finalmente, adentro o prédio e noto como o chão de cimento batido vermelho está sujo e empoeirado, me fazendo lembrar dos hospitais de campanha de guerra. Realmente, o que tenho presenciado é um quadro de guerra, tomando a liberdade de citar a filósofa Judith Butler (2015), revelando a existência de uma fissura na política da contemporaneidade, e que algumas vidas são poupadas em detrimento de outras:

Se certas vidas são consideradas merecedoras de existência, de proteção e passíveis de luto e outras não, então essa maneira de

diferenciar as vidas não pode ser entendida como um problema de identidade nem sequer de sujeito. Trata-se, antes, de uma questão de como o poder configura o campo em que os sujeitos se tornam possíveis ou, na verdade, como eles se tornam impossíveis (BUTLER, 2015:231).

Vou passando pelos corredores e vejo uma enfermaria. Coloco a cabeça um pouco para dentro e vejo que há oito leitos. Em um deles, uma senhorinha com traços asiáticos se recupera de um feliz retorno da UTI⁹. É perceptível em seu rosto o sofrimento passado: os olhos estão arroxeados, assim como o entorno na boca machucada devido aos aparelhos aos quais foi recentemente desconectada. Ela está absorta e, apesar de todas as dores que ainda sente em seu corpo físico, ela mexe em seu aparelho celular. Outra senhora ao lado está com as mesmas marcas, mas virada de lado, de olhos semicerrados, pronta para dormir. O quarto da enfermaria é bem grande – imagino que deveria ser outrora um local de oração das freiras –, as paredes estão pintadas de branco, as camas são brancas e os lençóis azuis, com o símbolo da prefeitura da cidade. Ao lado de cada cama há um cilindro verde de oxigênio, mas nenhuma delas o está usando, pois não necessitam mais dessa terapia: já estão prontas e ansiosas para receber alta. Mais à frente, após algumas camas vazias, há outra senhora, enrolada em um cobertor xadrez, mesmo fazendo um calor extremo no quarto. Todas elas estão vestidas com uma camisola hospitalar também azul.

O quarto é quente e naquele momento há dois técnicos de enfermagem conversando com um médico. Reclamam do calor da sala, ao que ele responde que aquela enfermaria é de fato muito quente, pois o sol bate o dia inteiro na janela e aquece muito o quarto. Ele até tentou pedir ar-condicionado, mas devido ao prédio ser antigo, as fiações não suportam. Então, decidiram cobrir as janelas com papel alumínio, mas a vigilância sanitária esteve lá e solicitou a retirada do papel. O médico conclui: “se fosse a mãe deles nessa sala quente, duvido se não brigariam para que o papel alumínio ficasse”. Caminho mais à frente. Há outra enfermaria, só que masculina, idêntica à primeira que descrevi. Ali, há homens ocupando três leitos. Um senhor que usa uma máscara de oxigênio está bem fraco, de fralda geriátrica pois não tem forças para ir ao banheiro fazer suas necessidades fisiológicas.

⁹ Unidade de Terapia Intensiva, local do hospital que abriga os pacientes mais graves e que precisam ser monitorados e cuidados em período integral pelos profissionais de saúde.

No outro, um rapaz de uns 28 anos está dormindo, tentando descansar e sonhar com sua alta hospitalar. Os outros leitos estão vazios, a não ser uma outra cama onde está um homem de cerca de 40 anos, de bruços, mexendo no celular. Penso na ligação tecnológica, pois o celular é o único meio de comunicação com a família, é onde esses pacientes mandam informações de como estão sendo tratados ali dentro e podem se envolver emocionalmente com seus entes queridos. Muitas dessas pessoas utilizam o celular antes de ir para a UTI para avisar à família dos procedimentos médicos ao qual estão sendo submetidos, mas ao adentrarem a UTI não permanecem com ele, pois serão sedados e entubados. Então eles aproveitam para se despedir da família, pois não sabem se retornarão para ela. O celular é sua ligação com o mundo externo. No entanto, muitos não têm a “sorte” de conseguir usar o aparelho: principalmente os idosos não conseguem entrar em contato com a família, afinal muitos deles não sabem como fazer uma ligação de vídeo e necessitam de auxílio da equipe de enfermagem, que quase sempre está ocupada cuidando dos doentes. Assim, muitos entram para o hospital e a família fica sem notícias, muitas vezes recebendo notícias somente após a morte ou a alta para buscar o paciente. É importante destacar tantos leitos de enfermaria vazios, pois situo-me temporalmente no que foi nomeado pelos gestores da saúde pública de “a segunda onda da Covid-19”¹⁰. Assim que adentram a unidade de saúde, os pacientes são monitorados com um aparelho que mede a saturação do ar no sangue; é um aparelho chamado oxímetro, que ao ser colocado no dedo ou no pulso da pessoa, emite um feixe de laser que afere a quantidade de moléculas de oxigênio por mililitros de sangue. A saturação normal é de 89%; abaixo disso, o paciente precisa ser avaliado com uma tomografia, para ver qual a extensão do pulmão que foi lesada pelo vírus. É por meio dessa quantidade de lesões, juntamente à saturação sanguínea, que os médicos entenderão se um paciente precisa ir para a UTI ou não. Assim, a enfermaria é o local onde o paciente deve ficar antes ou depois da estadia na UTI. O mundo vive atualmente uma pandemia provocada por um vírus que surgiu em 2019. O ano de 2020 foi de muitas mortes, contudo o de 2021 apresentou cepas novas do vírus.

¹⁰ No início da pandemia em 2020, houve muitas mortes, mas elas se restringiram à população que o vírus mais atingiu, sobretudo as faixas etárias mais elevadas. No Brasil, devido às posturas negacionistas e incentivos institucionais a tratamentos ineficazes, o vírus mutou e se tornou mais forte, atingindo toda a população.

Dentre elas, está a chamada (pela população mundial) de “variante brasileira”¹¹ ou, pelo meio médico, de P1. Esta variante tem um caráter alto de letalidade, promovendo aumento de pessoas que necessitam de leitos de UTI. Devido a essa mesma letalidade, poucos retornam da UTI em decorrência do comprometimento dos pulmões.

Uma antropologia da Morte

Antes de continuar esse relato etnográfico preciso me apresentar a você, leitor ou leitora. Não sou antropóloga, nem médica, nem enfermeira, muito menos alguma profissional de saúde que trabalha incansavelmente nas unidades de saúde. Sou uma visitante, e ultimamente tenho visitado, muito mais do que gostaria, hospitais e unidade de saúde pelo Brasil. Apesar de nesse texto eu ser uma narradora ficcional, trago cenas bastante verídicas que tentam dar sentido ao que está acontecendo nas unidades de saúde país afora. Tampouco sou um fantasma, como aqueles espíritos que os profissionais de saúde insistem em ver nesses hospitais – como a tal “freira enfermeira” que cuida dos doentes à noite, como reza a lenda dos hospitais dessa cidade. Não nego a existência desses fantasmas. Por ser um personagem ficcional, tenho toda a liberdade de falar, por exemplo, dos fantasmas do filósofo Félix Guattari (2001), que habita os recôncavos da intimidade humana e seus egos. Sim, os profissionais de saúde invocam o sobrenatural como ajuda nessas horas difíceis, pois “a reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos” (GUATTARI, 2001:13).

Bem, tampouco sou uma filósofa como Guattari. Sou extremamente criativa, às vezes benevolente, às vezes malevolente; um descanso ou um tormento, e de quando em vez solicitada e desprezada, dependendo da visão de quem eu busco. Eu sou a Morte. E, enquanto tal, repito as palavras do escritor Markus Suzak (2005): “quando a morte conta uma história, você tem que parar pra ouvi-la”. Eu realmente peço a você, leitor ou

¹¹ Lembrando que todas essas designações partem do meio médico para população.

leitora, que leia essa história que vou lhe contar. Seria como se dissesse, parafraseando a citação anterior em termos antropológicos, que quando a morte faz uma descrição densa (GEERTZ, 2008:09), é melhor parar para ler.

Apresentarei aqui um pouco de minha face política, social e cultural diante da pandemia. Resolvi escrever para mostrar como é difícil para mim participar daquilo que a humanidade chama de genocídio. Caminho junto com a humanidade há milênios. Participei de muitos processos de guerra, genocídios, de dominação e subjugação de povos, e por isso mesmo vejo como a mão humana é capaz de empunhar minha foice com muito mais habilidade do que eu própria para exterminar ela mesma, assim como tudo que a cercam muitas vezes em nome do poder. Vi o céu partir e cair para os Yanomamis e todos aqueles que se foram para a “formação” desse país, ao qual tenho visitado cada vez mais frequentemente. Citando aqui o grande Xamã antropólogo e representante do seu povo, Davi Kopenawa (2015), acompanhei de perto todo esse processo e vi a resistência de um povo que me derrotou e me subjugou, preservando sua integridade e suas relações com a natureza.

Tomo ficionalmente o direito, através das ferramentas do ofício do antropólogo, e o meu “campo”, por meio do qual promovo essa descrição, é a unidade de saúde descrita nas primeiras páginas deste texto. Realizo uma análise “micro” da pandemia nesse local. Tomo, como posso, as palavras sobre mim da antropóloga Clarisse de Franco (2008) para expressar a crise pela qual estou passando. Assim, sofro pela pressa da humanidade; os faustos rituais por meio dos quais eu era venerada e respeitada estão cada dia mais empobrecidos na era moderna. Com a emergência de uma pandemia, sendo a contaminação viral iminente, as pessoas deixaram de morrer: elas simplesmente desaparecem. Vocês acham que meu trabalho se encerra após desligar um aparelho? Não revelarei meus mistérios no pós-morte, pois esse não é meu objetivo nesse texto. Cumpro aqui, como personagem, o papel da voz calada pela dor durante essa pandemia. Contudo, posso revelar que sou eu quem acompanha esse corpo até o necrotério. Esse lugar, que antes era frio e gelado, passou a ter um calor intenso e sufocante, pois as gavetas estão cheias e os corpos são despejados nessas salas fechadas, onde muitas vezes me sinto sufocar, o que fez meu coração, antes gelado, se derreter e sentir pena da humanidade.

Observo os corpos serem alojados em uma espécie de saco cinza, aguardando a família dar a liberação. Nem mesmo ela

tem muito contato com seu ente querido: a família não tem mais a imagem da pessoa morta em seus caixões. O meu frio deu lugar ao que a antropóloga Ana Tsing (2015) diz sobre os modos de vida contemporâneos aos quais devemos adaptar as ruínas deixadas pelo capital, sendo uma delas o aquecimento global e, agora, o ser humano precisa se adaptar a tudo isso. Talvez esteja tão quente o mundo que minha representação no futuro não será mais usando a mortalha negra, e sim um biquíni. Ainda ousou dizer que se fosse dada uma forma hoje para mim, baseada nessa pandemia, seria de um capitalista: eu estaria vestindo um *tailleur*, ou terno e gravatas, como os grandes executivos que administram quem deve viver e morrer para manter o capital. Acho que a forma perfeita hoje seria a de uma dessas pessoas que administram essa crise pandêmica, pensando em quanto iriam lucrar e economizar com os gastos em saúde para a população – talvez a cara de um ministro da saúde fanfarrão.

Afora estes devaneios, caminho sobre a terra desde sua criação. Em algum momento, me deram a forma feminina, “a marca da Eva” – ora santa, ora megera. Para tratar brevemente desse binarismo em minha representação, trago a filósofa italiana Silvia Frederic (2017), que narra como o modelo de saúde eurocêntrico implantado no século XIX que apenas repetiu a dicotomia legitimada pelo discurso religioso agindo, desse modo, na manutenção do modelo burguês de feminilidade (mãe, esposa e dona de casa em tempo integral), já que o trabalho sexual pago passou a ser entendido pelo Estado como uma ameaça às relações monogâmicas e à privatização do útero; e a figura da prostituta foi relegada à representação da esterilidade, ou o retrato de uma sexualidade não procriativa. Então, a morte passou a ser representada por uma caveira estéril de uma mulher. Mas a forma feminina segundo o Filósofo Mircea Eliade (1998) vem da questão envolvendo as civilizações que enterravam seus mortos; o enterro é uma reificação da deusa grega telúrica Gaia, seus antigos mistérios até hoje sem revelação. Assim, a deusa que era considerada a mãe a doadora de vida, a imagética da terra como útero de toda humanidade, após o cristianismo se funde com o mito hebraico de Adão e Eva e sua criação do barro, ao serem expulsos do paraíso – adentro aqui a mitologia cristã que colonizou todo mundo. O que seria na antiga Grécia, a deusa Gaia que colocou a vida no mundo, o retorno a Gaia promoveria a eternização da pessoa morta, na possibilidade de uma nova vida. Assim, nas palavras do livro bíblico de Eclesiastes, “*Todos vão*

para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão.”
(*Eclesiastes 3, 20*).

A santidade imposta à minha forma foi resultado do genocídio promovido pelo catolicismo através dos símbolos religiosos para dizimar os povos astecas, como Caroline Perrée (2016) comenta que essa forma santa foi resultado do hibridismo para formação da nação mexicana, uma colonização dos símbolos:

“Se até agora evitarmos evocar os rituais em torno da morte nos astecas, é para evitar a armadilha das origens pré-colombianas de Santa Muerte exercidas ao evocar o culto, enquanto sua iconografia vem da Idade Média e que seu culto vem das fontes do Catolicismo... É por isso que Santa Muerte aparece tanto sob as características da Virgem de Guadalupe: o halo reconhecível entre toda Guadalupe frequentemente é a figura esquelética de Santa Muerte que reza em seu véu azul e esta imagem e declinou em escapulários e tatuagens que criam uma imagem sincrética ao mesmo tempo. La Santa Muerte também é representada como Pietá que recebe o Cristo morto, esta figuração cria assim uma lógica entre a Virgem que dá vida e Santa Muerte na Piedade que a acolhe, como o Papai Noel integrado na iconografia católica tradicional. Assim, a imagem segue o meio privilegiado desde a Conquista para garantir a disseminação de um culto que foi implantado” (PERREE, 2016 :15). (tradução livre do autor)

Retornando ao assunto: essa UTI da qual vos falo é regida por uma corporação que se denomina “cooperativa” – sim, uma falsa ideia de que seus trabalhadores são também donos do negócio. Com frequência ouço sussurros entre os enfermeiros e técnicos de enfermagem, há dias sem receber, reclamando da enorme quantidade de plantões que têm que enfrentar para sobreviver. Então a produtividade da cooperativa é alta, pois quanto mais os profissionais trabalham, mais os funcionários ganham; quanto mais plantões, noites insones e exploração dos trabalhadores, mais os políticos, empresários e médicos da cooperativa ganham. Ouço os médicos gritando para desligar as máquinas de respirar, pois há pessoas aguardando leito. E, assim, acabam lucrando com meu trabalho. Novamente, reforço que a minha imagem hoje deve realmente estar vinculada à dos empresários e políticos. Talvez hoje minha representação mais fidedigna seria com a faixa presidencial deste país chamado Brasil.

Me lembro quando o poeta que padeceu de uma pandemia na década de 1980 cantou “eu vi a cara da morte e ela

estava viva”¹². Nessa época já me sentia cansada, pois a AIDS levou muitos. Eu ainda via a humanidade lutar pelos seus direitos, a brigar pelos seus mortos. No Brasil, as organizações sociais brigaram e lutaram para o controle da doença; iam contra o capitalismo selvagem das indústrias farmacêuticas, não colocando em dúvida a ciência. Pelo contrário, eram incansáveis na afirmação da ciência. Apesar do esquecimento da sociedade, muitos não se calaram diante do genocídio de LGBTs, negros, usuários de drogas e pessoas que foram marginalizadas pelo HIV. Hoje, paira o silêncio, o negacionismo e a aceitação de líderes genocidas. Famílias perdem entes queridos e continuam a confiar no que eles chamam de "Messias" e sua promessa de mais mortos. Pessoas dentro de casa assustadas com notícias falsas, pessoas que absorvem informações aterradoras dos noticiários noturnos e precisam enfrentar ônibus lotados pela manhã, expostos à contaminação, mas que não podem ficar em casa, pois sua única renda vem do trabalho. Bancos lotados que reduziram horário de atendimento, mas não reduziram suas taxas de juros. Pessoas que me subestimam em baladas e festas. Nunca se ganhou tanto dinheiro com o fim da vida humana.

Pensando novamente sobre os fantasmas de Guattari, eu realmente não sou um fantasma, como já disse. Entretanto, talvez na mente de muitos eu de fato o seja. Tal fantasma muito nos revela sobre o negacionismo da ciência, esse sim um fantasma muito mais medonho que eu própria, que devido ao capital que assombra as ciências ditas “duras”, como a ciência médica. Conforme Guattari (2001), “a violência e a negatividade resultam sempre de agenciamentos subjetivos complexos: elas não estão intrinsecamente inscritas na essência da espécie humana, são construídas e sustentadas por múltiplos agenciamentos de enunciação” (GUATTARI, 2001:22). As ciências médicas, com todo seu aparato ao qual Foucault (1984:344) chamou de biopoder, criou diversos dispositivos para fazer viver, dispositivos esses cristalizados, que de tão duros foram facilmente quebrados e a estrutura toda se desmoronou com a pandemia através do espalhamento das mentiras nefastas e levianas. A estrutura se rompeu, muitos dos “sacerdotes de Asclépio”¹³ foram corrompidos pelo capital e endossaram mentiras, que fizeram o

¹² Música Boas Novas do cantor Cazuza do álbum Ideologia de 1988.

¹³ Quando a Morte fala “sacerdotes de Asclépio” ela faz uma referência aos profissionais de saúde, Asclépio era o deus Grego da medicina e seus sacerdotes eram os médicos, enfermeiros e pessoas que cuidavam da saúde em si.

“céu cair” (KOPENAWA, 2015) também para essa civilização que se autoneia como “moderna”, “civilizada” e “ocidental”. Dividiram-se em dois grupos: os sacerdotes que negavam a ciência e os que lutavam no leito das camas de hospital tentando atrasar meu trabalho. Por vezes eu sentia muito de ver que seus esforços em salvar vidas eram inúteis.

O que sobrou de mim nos escombros do processo creditado como “civilizatório”? Como disse o sociólogo Norbert Elias, fui banida da vida social em detrimento da vida, pois falar sobre mim hoje é constrangedor. Talvez esse texto seja pra você, leitor ou leitora, desagradável. O prolongamento da vida a todo custo, a busca pela eterna juventude e os bens que ela produz culminam em uma realidade em que velhos, moribundos, doentes e mortos devem ser afastados rapidamente da vida e segregados, e no caso da pandemia enterrados sem choro. Um aparato estatal já configurado no qual “(...) o mecanismo externo de coerção imposto pelo Estado [...] fundado em doutrinas e crenças coletivas respeitadas, muda violentamente de rota e ordena matar pessoas” (ELIAS, 2001:32).

As três cabeças de Cérbero

Relembro aqui três grandes filósofos, Michel Foucault (1997), Giorgio Agamben (2010), e Achille Mbembe (2018), que estudaram respectivamente a biopolítica, a tanatopolítica e a necropolítica: todas elas ligadas a mim. Nesse momento penso na representação do meu animal de estimação na mitologia grega, Cérbero¹⁴, uma fera de três cabeças que vigiava meu mundo. Mas como todas essas políticas têm prefixo grego vamos invocar essa figura inumana e também política, que mais vejo parecida com o estado de exceção. Se fosse real e não mitológico ele estaria à solta no Brasil. Mas vamos entender o genocídio brasileiro nomeando as três cabeças do Cérbero.

A primeira cabeça pandêmica, Biopolítica, é uma forma de poder que, segundo Foucault, atua sobre os corpos humanos,

¹⁴ Aqui a Morte narra sobre a crença baseada na mitologia grega, pois os três filósofos escolheram prefixos gregos para nomear políticas de exceção ao qual o estado produz. Cérbero era o cão mitológico que guardava a entrada mundo ao qual os gregos acreditavam ser dos mortos, assim os mortos conseguiam entrar nesse mundo, mas não conseguia sair e os humanos que se aventuravam a entrar nesse mundo eram despedaçados pela fera.

agindo, dentre outros aspectos, através da saúde. Nas palavras do filósofo, trata-se de uma política de “fazer viver e deixar morrer”. Assim, sou tomada como vergonhosa e sou levada ao nível privado, hoje tão privado que apenas parentes em primeiro grau devem estar presentes nos meus ritos¹⁵. Todas as manifestações sobre mim devem ser escondidas e veladas. Essa cabeça representa toda minha intimidade entre o doente e eu como um segredo de alcova. Entra aqui também, como já relatei explicando todo o processo que ocorre nessa UTI, as posturas ditas “higienistas” que me envolvem na pandemia. A saúde selecionando corpos de quem vive e quem morre. A tal “imunidade de rebanho”¹⁶ nada mais é que um processo de seleção da apuração de uma raça saudável ao vírus – só que vírus são armas letais, não escolhem corpos como o Estado. A cada corpo adentrado ele muda seus códigos genéticos para se adaptar a esse corpo.

A segunda cabeça de Cérbero é a tanatopolítica de Agamben. Tanato vem do grego e significa morte. Durante o processo pandêmico, o vírus seguiu seu comportamento biológico e se espalhou, mudando seu código genético e se transformando na chamada “variante brasileira”. Dessa forma, “a biopolítica pode deste modo converter-se em tanatopolítica, deslocando esta linha para zonas sempre mais amplas da vida social, nas quais o soberano entra em simbiose cada vez mais íntima não só com o jurista, mas também com o médico, com o cientista, com o perito, com o sacerdote” (AGAMBEN, 2004:128). O “soberano” então decide sobre o estado de exceção, ele suspende o que é direito, inclusive o próprio direito. “O estado de exceção é um espaço anômico¹⁷ em que o que está em jogo é uma força de lei sem lei... algo como um elemento místico, ou melhor, uma ficção por meio da qual o direito busca se atribuir sua própria anomia” (AGAMBEN, 2004:60), de maneira que não se consegue determinar o que é lei não é lei. No Brasil pandêmico existe ainda uma política de implantação de medicamentos que não fazem efeito contra o vírus. Desde a super compra desses

¹⁵ Os velórios de acordo com protocolos firmados pelo Ministério da Saúde devem estar presentes apenas os parentes de primeiro grau da vítima de Covid 19. O caixão deve estar lacrado, e os parentes não devem permanecer muito tempo no local onde o caixão estiver.

¹⁶ Aqui a personagem Morte fala sobre racismo, que para Foucault nada mais é que eliminar uma raça fraca para supremacia de outra utilizando mecanismo de saúde pública.

¹⁷ Anomia: sem lei, sem regras.

medicamentos até à divulgação maciça e mentirosa de que esses medicamentos são eficazes, foi a mão humana e cruel empurrando diversas pessoas ao meu encontro. Então a lei era a comprovação científica para se usar algum tipo de droga, e o estado de exceção brasileiro subverteu essa lei, promovendo movimentos que negavam a ciência. Assim, o ilegal, “usar medicamentos sem comprovação científica”, se tornou lei.

A terceira cabeça pandêmica seria a Necropolítica, sendo “necro” outra palavra grega para designar morte. Achille Mbembe aqui leva em conta todo o movimento histórico de transformar o “Outro” como inimigo. A necropolítica é uma política que permanece ocultada, e tipifica a modernidade, assim o direito de matar do soberano se volta contra populações específicas. Trata-se de uma tecnologia política de massacre populacional. No caso que aqui discuto, é onde o vírus se torna uma arma letal e a pandemia se converge em sindemia¹⁸, onde as condições sociais e econômicas exacerbam o poder da doença. Então diversas vezes visitei casas, barracos, ruas escuras recolhendo mortos que não foram contados, que morreram fora das vistas de todos. Os mortos que não foram contados, é nada mais que o apagamento do sofrimento dos moribundos, dos velhos, de pessoas negras, pobres, moradores de rua e LGBTs por parte do Estado, mortes que nunca serão lembradas e choradas ou passíveis de luto (BUTLER, 2015), tiveram sua catálise acelerada pelo vírus e pelas três cabeças de Cérbero.

Anteriormente, na descrição da UTI, no texto falei sobre o trabalho das profissionais de enfermagem cuidando de pacientes, em lugares altamente insalubres com salários extremamente baixos. São mulheres negras cuidando de pessoas brancas, remontando à colonização dos corpos. Assim, Mbembe nos revela:

...pouco importa que as tecnologias que culminaram no nazismo tenham sua origem na plantation ou na colônia, ou, pelo contrário – a tese foucaultiana –, que nazismo e stalinismo não tenham feito mais do que ampliar uma série de mecanismos que já existiam nas formações sociais e políticas da Europa ocidental, (subjugação do corpo, eugenia, teorias médico-legais sobre hereditariedade, degeneração e raça). Um traço persiste evidente: no pensamento filosófico moderno assim como na prática e no imaginário político europeu, a

¹⁸ A palavra criada pelo antropólogo da saúde americano Merrill Singer na década de 1990, é uma combinação da palavra sinergia com a pandemia.

colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem de lei (ab legibus solutus) e no qual a “paz” tende a assumir o rosto de uma “guerra sem fim” (MBEMBE, 2018:32).

Dentro do que os antropólogos também nomeiam de “Antropologia do Sofrimento”, ousou advogar em favor dos humanos utilizando as palavras do antropólogo Pedro Paulo Gomes Pereira (2004), para quem o sofrimento excessivo parece turvar e mesclar a verdade e a mentira. Tudo fica na penumbra em uma fronteira borrada. Talvez a incrível capacidade de polarizar tudo só é superada pela sua capacidade de não conseguir habitar a nem um desses pólos e permanecer em fronteiras. O sofrimento de um dia me encontrar só é superado pelo terror do encontro pois sou inefável, eu não posso ser definida em palavras, muito menos explicada, não consigo ser polarizada: existe a certeza da minha chegada, mas sou a própria fronteira borrada entre o existir, o resistir e o inexistir.

Segundo a antropóloga Clarisse de Franco (2007), habito a fronteira entre dois mundos, um real e outro imaginário, baseados em símbolos que os grupos humanos adquiriram historicamente. Para a autora,

Uma imagem bastante recorrente quando nos referimos ao processo de morrer é a travessia, como se a morte separasse dois mundos: o Aqui e o Além... A idéia de travessia pode ser expressa em vários símbolos e representações: o rio da morte, a ponte.... Em muitas culturas, a morte é vista como uma viagem, e o morto muitas vezes leva consigo utensílios pretensamente úteis nesta jornada, como botas, dinheiro, roupas, alimentos...A travessia nos remete ao limiar, estado fronteiro, que precede o desconhecido. O limiar é antes de tudo indefinido, nem cá, nem lá, um tempo e espaço estranhos, alheios a alguma realidade concreta. São as horas que se perdem ou ganham em uma viagem com diferenças de fuso horário; o que sobra, na chegada, é uma sensação de estranhamento, como se o tempo não tivesse corrido no tempo certo, ou ainda, como se não tivéssemos vivido aquelas horas, restando uma lacuna (FRANCO, 2008 p.35).

Assim, de adorada, temida e digna de faustos e demorados rituais, passei para a dinâmica exigida pelo capital, e hoje me vejo em plena pandemia de Covid-19 a qual tive que me adequar ao que nomearam como empreendedorismo; assim

como uma dessas empresas de fastfood¹⁹, o capital não pode perder tempo com o sofrimento. A emergência dessa pandemia levou as pessoas a enterrarem seus mortos rapidamente em valas abertas por retroescavadeiras, com medo de uma contaminação. Mas, penso que o vírus só afiançou esse processo. Nem velas, nem flores, nem choros, nem olhos vermelhos, nem silêncio, nem as gargalhadas das piadas contadas nas portas das casas onde o velório ocorria, nem a cara chocada da velha vizinha pedindo para pararem de rir em respeito à família. Sem criança brincando embaixo do caixão, sem menino impressionado com o morto, sem mulheres com olhos vermelhos vestidas de negro, sem primos se amassando no quarto ao lado, sem madrinha fechando os olhos do morto, sem comida farta, sem cheiro de chá de erva cidreira, sem desmaios, sem pão de queijo, rosca, doce e pão francês. Retiraram todos os meus rituais em nome do capital.

Então, leitor ou leitora, você que conseguiu chegar ao final desse texto tão constrangedor deve estar me julgando enquanto egoísta, fútil e frívola, pois quero mais da humanidade em um momento tão difícil. Mas o objetivo de estar aqui é retificar os estudos sobre mim. Não tomo mais foice, e sim a escrita, como meu instrumento, pois ela é uma arte assim como a leitura, de talvez trazer mais sensibilidade das pessoas que administram essa pandemia. Mas eu sinto que eu sou “(...) um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra. A morte configura um problema só para os seres humanos.” (ELIAS, 2001:07).

Assim, nesse texto reivindico meus rituais simbólicos, pois seus significados têm a função de reafirmar os valores de uma sociedade e, assim, reafirmar a vida. Um mundo que empobrece meus rituais não vai se incomodar com muitas mortes (FRANCO, 2008:54). Vejo, assim, que as pessoas têm sido cada vez mais transformadas em números. Sim, isso é chocante, mas eu não exijo rituais que causem mais mortes, como funerais lotados na pandemia, e sim formas criativas de honrar a vida através da morte. E, acima de tudo, respeito com o luto das famílias e seus mortos. E que esses ritos sejam sempre marcados de forma a nunca nos esquecer e que esse genocídio pandêmico nunca mais se repita.

¹⁹ Fastfood, termo para empresas de comida para que as pessoas não percam muito tempo para fazer as refeições.

Assim me despeço de você, leitor ou leitora, deixando com as explicações de meu criador, pois sou uma personagem fictícia que adentrou para movimentar questões caras ao ofício antropológico durante a pandemia. Meu criador, como boa parte da humanidade, está em sofrimento. Acho que desempenhei aqui um papel fundamental, pois esse exercício de me criar pode fazer com que ele, profissional de saúde, pudesse revelar questões do seu trabalho, da sua rotina diária, e da sua indignação perante um sistema que estimula uma política de morte. Então, ele se vale da antropologia da ficção para relatar sua experiência dentro dessa UTI. E é nesse momento que a criatura passa a palavra ao criador.

Antropologia, Ficção e Morte

Esse texto híbrido foi criado para encerrar, como já dito, as atividades de duas disciplinas. Em aulas, mesmo as realizadas de forma remota, sempre fui uma pessoa falante, no entanto, trabalho na saúde, e não me foi permitido tirar licença para cursar o doutorado devido a deficiência de profissionais durante a pandemia. Logo depois que eu encerrava meu expediente como trabalhador em uma unidade de saúde tinha que assistir aulas ou mesmo antes de ir para o trabalho. Notei que como antropólogo venho aguçando a arte de escutar, e além do cansaço do dia trabalhado, não sentia vontade de compartilhar com aquelas turmas maravilhosas meu dia a dia. Realmente escutei diversas vezes que todos estavam cansados da pandemia, então esse era mais um motivo para me calar e entender que a humanidade está cansada, e os brasileiros, além de cansados, estão impregnados de um desânimo de que as coisas só tendem a piorar devido às políticas absurdas de (não) combate à pandemia. Não seria eu mais um motivo para tornar as aulas mais desgastantes para todos com esse assunto inesgotável.

Então, minha necessidade de falar se mudou em escrita. Foi tanta coisa vivida nessa guerra pela sobrevivência travada nas unidades de saúde que eu não conseguia escrever. Então, resolvi criar um personagem para falar por mim. A morte habita os recôncavos mais palpáveis dos meus medos. Nós, profissionais de saúde, convivemos com a morte constantemente durante a pandemia. Morreram colegas, amigos e parentes de todos. Mas fomos nós que acompanhamos essas pessoas em unidades sucateadas e UTIs sujas, fomos nós que víamos nossos colegas perecerem não só da Covid-19, mas também pelo suicídio por não aguentar tanta pressão. Fomos nós que éramos aplaudidos,

mas não conseguíamos alimentar nossos filhos com o salário pago pelos nossos serviços.

Quando falo do profissional de saúde que grita com a senhorinha no leito de morte, só tento explicitar todo o poder do capitalismo se transformando em biopoder e demonstrando que a morte não tem mais importância no contexto do genocídio brasileiro. Pessoas exauridas cuidando de pessoas à beira de um dos processos mais significativos da vida, que é a morte. Por fim, dou voz a essa que está sendo negligenciada pela humanidade. Baseio esse texto também no livro “A menina que roubava livros”, do autor australiano Markus Suzak, que toma a morte como narradora da sua história - na época que o nazismo tomava conta da Alemanha e o genocídio dos judeus, negros, LGBTs e ciganos era uma política de Estado. Qualquer semelhança com o Brasil que vivo hoje não é mera coincidência.

Então, o texto se desenrola como uma ficção em que a morte assume um protagonismo como etnógrafa para descrever esse momento caótico de pandemia, fazendo uma descrição de uma unidade de saúde no interior do Brasil, que atende exclusivamente pessoas com Covid19. Atuo nesse texto borrando as fronteiras entre o real e o imaginário. Segundo o escritor Wolfgang Iser (1996), a ficção promove duas formas de transgredir: primeiramente, “irrealizar o real” serviria para não reproduzir o universo empírico na íntegra, abrindo espaços para reinventar novas ordens; em segundo lugar, “realizar o irreal”, onde tudo é possível acontecer assim o processo de existir e a singularidade se faz a partir de leis e determinações próprias.

Donna Haraway (2009), em seu Manifesto Ciborgue, nos revela que a construção das relações sociais se baseia em uma ficção política capaz de mudar o mundo. Que os movimentos sociais²⁰ tem construído o que se chama de experiência²¹ que mistura o que é uma ficção, mas é também um fato real, “um fato do tipo mais crucial, mais político.” (HARAWAY, 1985 p. 36). Então ela nos revela que o Ciborgue é um ser que borra as fronteiras entre o real e o imaginário, entre a vida e a morte.

O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida - uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma

²⁰ No caso Haraway fala do movimento de mulheres.

²¹ “Experiências das mulheres”.

luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (HARAWAY, 2009:36).

Haraway, em seu manifesto, diz que a biopolítica foucaultiana era apenas um fraco prenúncio do que viria para a implantação da política ciborgue. No presente texto, a personagem Morte narra a todo tempo as fronteiras entre o corpo e máquina dentro da UTI. Talvez eu devesse ter completado na fala da minha personagem que sua representação não seria exatamente a imagem dos empresários capitalistas, e sim a personificação de uma morte ciborgue, uma morte high-tech, uma morte de algoritmos, em que os números diluem toda a humanidade do morrer e, ao se transformar em estatísticas computadorizadas, pouco importam para a sociedade quem são esses mortos. Vê-se que isso incomoda demais a personagem, pois o capitalismo levou a morte para o âmbito privado, tornando-a vergonhosa e constrangedora. Assim, a Morte entende que a pobreza dos rituais impede que os humanos reivindiquem a vida e os torna insensíveis a tantas mortes, facilitando assim o genocídio.

Ao falar da etnografia ficcional, penso na minha posição de autor desse texto. Se para Foucault (2001) o próprio autor ou autora de uma obra seria um elemento ficcional, ele não se localiza, ele está em um local etéreo, sendo assim “uma figura ideológica pela qual se afasta a proliferação do sentido” (FOUCAULT, 2001: 288). Então ele problematiza o lugar ou o não lugar do autor na escrita. Já Clifford Geertz (2009) busca saber quem é o autor dentro da antropologia “ele, ou ela, ainda está vivíssimo entre os antropólogos. Em nossa ingênua disciplina, talvez uma episteme atrasada, como de praxe, ainda é muito importante saber quem está falando” (GEERTZ, 2009:18). Já James Clifford (1998), questiona a autoridade etnográfica, e sobre a possibilidade de produzir uma etnografia livre das relações de poder e interesses do autor, assim o etnógrafo deve ter em mente que por mais que exista uma cooperação mútua entre elas, no fim as duas tem suas particularidades e diferenças que devem ser levadas a sério por mais que os informantes não sejam personagens²² inventados. Assim ele fala sobre uma autoria plural:

²² A questão de ter criado a personagem a Morte, decorre de como falei sobre a intensão da proteção de sentimentos, no caso dos meus sentimentos, mas na frente discuto essa questão utilizando Roland Barthes, que vai explicar a questão ficcional na etnografia.

Esta possibilidade sugere uma estratégia textual alternativa, uma utopia da autoria plural que atribua aos colaboradores não apenas o status de enunciadores independentes, mas de escritores. Como uma forma de autoridade, ela deve ainda ser considerada utópica por duas razões. Primeiro, os poucos experimentos recentes de trabalhos de múltiplos autores parecem requerer, como uma força instigadora, o interesse de pesquisa de um etnógrafo que no fim assume uma posição executiva, editorial. A estratégia de autoridade de “dar voz” ao outro não é plenamente transcendida. Segundo a própria ideia de autoria plural desafia a profunda identificação ocidental de qualquer organização de texto com a intenção de um único autor. (CLIFFORD, 1998:39)

Então para Foucault o importante é quem está proferindo o discurso, ou seja, “quem fala?”. Aí está a importância da criação da personagem para falar por mim, pois a Morte tem autoridade para falar sobre o que viu. A inefabilidade da Morte a autoriza e forma uma proteção a mim, o autor, também de muitas questões éticas, pois a ficção, apesar de ser uma maneira de expressar a realidade, é um dispositivo protetor dos meus sentimentos, dos sentimentos dos pacientes e de profissionais de saúde, assim como das próprias instituições de saúde, pois apresenta uma realidade diluída em criatividade. Além de ser também um dispositivo de denúncia sobre as condições dos pacientes e como o genocídio está em curso no nosso país.

Para o sociólogo Roland Barthes (2012), o autor é um personagem da era moderna, produzido pelo ocidente, estando a obra “tiranicamente”²³ ligada ao autor. Para ele, se torna fácil explicar o autor lendo sua obra, só que a ficção vem quebrar esses parâmetros, e ao dar voz aos personagens o autor deve morrer e desaparecer do texto. Assim, quem produz o significado do texto não é o autor, e sim o leitor. Assim, no texto etnográfico ele nos revela a face da antropologia da ficção: que nas sociedades etnográficas, a narrativa nunca é assumida por uma pessoa, mas por um mediador, xamã ou recitante, de quem, a rigor, se pode admirar a performance (isto é, o domínio do código narrativo). (BARTHES, 2012:58).

²³ Reifico a palavra “tiranicamente” foi usada por Barthes (2012), pois na literatura cristaliza a imagem de que o autor vivenciou tudo que a ficção traz. Um exemplo é a personagem morte, nem tudo foi vivência minha, claro teve coisas que vivi em unidades de saúde, mas a personagem costura diversas histórias tanto de paciente como de outros profissionais, então texto não é apenas algo vivido por mim.

Assim para Barthes (2012), quem puxa o fio e desvenda a teia de significados geertziana não é o autor, e sim o leitor. Nesse sentido, o trabalho do antropólogo em descrever algo é de suma importância pois nos revela a produção de uma etnografia que transborde os muros da academia, ou seja, para que qualquer leitor possa ter acesso.

O leitor, jamais a crítica clássica cuidou dele; para ela não há outro homem na literatura a não ser o que escreve. Estamos começando a não mais nos deixar engodar por essas espécies de antífrases com as quais a boa sociedade retruca soberbamente a favor daquilo que ela precisamente afasta, ignora, sufoca ou destrói; sabemos que, para devolver à escritura o seu futuro, é preciso inverter o mito: o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor. (BARTHES,2012:71).

A socióloga Cristina Maria da Silva (2015) trava um diálogo com Barthes a respeito da ficção etnográfica, em que o etnógrafo recria os mundos em seu texto, transformando a realidade social em ficção no ato de narrar e contar as histórias humanas. Comenta também que etnografia é um modo de capturar os modos de vida borrando a fronteira entre a ficção e a realidade, como nos revela Barthes:

É que o livro etnológico tem todos os poderes do livro amado: é uma enciclopédia que anota e classifica toda a realidade mesmo a mais fútil, a mais sensual; essa enciclopédia não adultera o Outro, reduzindo-o ao Mesmo; a apropriação diminui, a certeza do Eu se aligeira. Enfim, de todos os discursos sábios, o etnológico aparece-lhe como o mais próximo de uma Ficção. (BARTHES, 2003:98).

Então, o texto ficcional não é um texto falso; ele traz verdades consigo, colocando em evidência o quão complexa pode ser uma situação, sendo um recurso muito utilizado não só pelos escritores, mas também pelos antropólogos dentro do seu ofício etnográfico que, muitas vezes, não só evidenciam situações, mas também protegem informantes, segredos e trazem verdades do cotidiano de difícil palatabilidade. Portanto, se Geertz descreve a etnografia como uma narrativa de fatos tecidos em diversas tramas, e Barthes revela que é o leitor quem vai interpretá-la, assim como a descrição dessas narrativas de fatos reais ou mesmo imaginários, então de fato a descrição, mesmo ficcional, deve ser a mais densa (GEERTZ, 1989:06) e detalhada possível, para que o leitor tenha acesso a toda a potência do texto ficcional etnográfico. E mais: para que o texto etnográfico saia dos muros da Academia e faça realmente sentido nas vidas das pessoas fora

dela, nós, antropólogos, devemos pensar uma escrita que contemple acessibilidade a todas as pessoas. Penso, então, a etnografia em uma forma triangular, de arte que envolve interlocutor, autor e leitor.

A carta da morte: O tarot de Marselha



Imagem da carta A Morte do tarot de Marselha

Minha busca pessoal ao cursar a pós-graduação em antropologia, sempre foi a escrita, nunca tive contato com textos etnográficos durante os cursos e especializações que cursei na área da saúde até 2015. Ao entrar em contato com a etnografia, vi que ali havia um estilo de escrita, que poderia revolucionar os cursos da área de saúde. Tomando como o termo etnografia no contexto da Antropóloga Mariza Peirano onde ela não é concebida apenas como um método e sim que ela habita as teorias da linguagem ou mais especificamente “ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial” (PEIRANO, 2014:386), causando um abalo nas estruturas em nossos modos de viver na nossa existência, possibilitando outros modos de vida.

Talvez seja muito ousado, após encerrar o mestrado em antropologia, muitas vezes me apresentar ou ser apresentado em escrita para jornais, artigos de revista da saúde e outros eventos, como “Antropólogo da Saúde”. Pois bem. Toda vez que ia a um evento de saúde e me designava “Antropólogo Social”, percebia que as portas se fechavam, e os profissionais de saúde não se interessavam no que eu tinha pra dizer. Muitos até desconheciam o que era o ofício antropológico, e não sabiam muito menos o

que era etnografia. Foi em um evento em um local que trabalhava que vi a necessidade preeminente de me nomear, em 2019, como “Antropólogo da saúde”. Trabalhava no Programa IST/AIDS e fizeram um evento financiado com o dinheiro do Ministério da Saúde, e iriam trazer diversos médicos de fora do estado de Goiás para falar de PrEP²⁴ entre homens gays. Por sinal, o principal convidado era um médico heterossexual, sendo que eles tinham eu, gay, antropólogo, que dominava o assunto, para falar sobre isso, sem maiores custos financeiros.

Logicamente pensei que eles haviam se esquecido de mim na hora de selecionar os palestrantes. Automaticamente liguei no programa estadual e conversei com uma das coordenadoras, uma médica, aliás, e falei pra ela que o dinheiro poderia ser alocado pra trazer alguma pessoa transexual para falar da PrEP no contexto trans, e recebi como resposta que não seria possível, pois eles queriam algo mais “científico”, e que a antropologia não era “científica” o suficiente para o evento. Fui excluído do evento e por fim fui realocado do programa²⁵ logo que o governo de extrema direita assumiu a prefeitura da minha cidade, pois não viam sentido ter um antropólogo “não científico” questionando gênero e sexualidade dentro do programa IST/Aids. Assim o ciclo se fechou e a estrutura borrada entre profissional de saúde e o antropólogo se fez completa e me tornei um “antropólogo da saúde” – a adjetivação “da saúde” me abriu portas novamente em todos os meios acadêmicos das ciências ditas duras.

O que quero dizer com tudo isso é que a carta da morte que apresentei no início das minhas considerações finais²⁶, de acordo com os estudiosos do Tarot, quando aparece no jogo, não significa morte física, e sim fechamento de um ciclo para que outro nasça. Assim, para nascer o antropólogo tive que fechar meu ciclo, sair do programa, o que não foi fácil depois foi 15 anos de dedicação, estudo e até mesmo dinheiro gasto do Ministério da Saúde em capacitações para estar lá atuando. Então vivenciei

²⁴ A PrEP ou Profilaxia de pré exposição vírus HIV, tem da minha dissertação do mestrado, uma medicação que previne de adquirir o vírus tomada antes das relações sexuais.

²⁵ Não fiquei desempregado pois sou concursado da prefeitura de Anápolis, me realocaram para uma farmácia bem distante e burocrática.

²⁶ O texto também tem seu fechamento de ciclo, com as considerações finais, assim nomeei esse item. Ele se encerra. E acabamos vivenciando um luto após o encerramento dos textos e isso é necessário, pois essa efusão de sentimentos que é o luto, é a pausa melancólica para iniciar um novo texto.

esse luto enquanto defendia minha dissertação de mestrado, e isso foi necessário pois, passado um ano, e hoje no doutorado, vejo que a morte tem um significado ritualístico muito maior do que pensamos, ela permeia nossa vida encerrando ciclos, pois caminhamos para ela desde o nascimento e, como o ritual final, ele deveria ser apoteótico.

De novo as palavras “ciências duras”, infelizmente, definem muito bem a ciência da saúde hoje no Brasil, e acho que a saúde enrijeceu tanto sua estrutura que nessa pandemia me vinha a ideia que em uma estrutura dura e inflexível foi muito fácil derrubar toda essa estrutura que sempre se acreditou científica durante uma pandemia como a que vivenciamos, através de mentiras, fakenews e negacionismos. A personagem Morte no início do texto mostra essa indignação quanto à banalização da vida, de maneira que se for pra ser “duro”, então não quero ser científico. Não estou falando que não devemos ser científicos, e muito menos negar a ciência, o que quero dizer é que o rigor científico ao qual se referiram que eu não possuía é por uma incapacidade das ciências duras de pensarem para além dos experimentos, laboratórios e hospitais.

Enfim, a utilização da Antropologia da Morte e de uma antropologia ficcional me ajudou também a pensar em vias de interpretações com outros autores como Barthes. Nesse momento, estou pensando em quem vai ler esse texto, se despertei curiosidade suficiente nesses leitores, se minha ficção cumpriu o papel de levar a mensagem a que se propunha. Sempre me questiono com a famosa pergunta “Para quem eu escrevo?”. Assim, quero hoje pensar na etnografia não só no ofício antropológico, mas também no viés dos profissionais de saúde; talvez seria cômodo pra mim escrever para antropólogos, teria um entendimento profissional muito rápido, mas quero escrever para o profissional de saúde, e que a antropologia e a etnografia são um meio de tornar a saúde mais flexível e mais questionadora dos seus métodos ditos científicos, se tornando mais forte e menos exposta a ataques negacionistas. Portanto, quero pensar muito além da relação interlocutor e pesquisador, mas sim pensar de forma triangular, onde em um dos vértices habita o leitor.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. 2004. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo.

AGAMBEN, Giorgio. 2010. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

BARTHES, Roland. 2012. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes.

BARTHES, Roland. 2003. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BRASIL, Ministério da saúde. 2020. *Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19*. Brasília: Nucom/GAB/SVS/MS

BUTLER, Judith. 2015. *Quadro de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira

CAZUZA. Boas novas. 1988. *Álbum: Ideologia*. Produção artística: Cazuzza, Nilo Romero, Ezequiel Neves. Rio de Janeiro: Philips-Universal music, 1988.

CLIFFORD, James. 2011 *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

ELIAS, Norbet. 2012. *A solidão dos moribundos. Seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

FOUCAULT, Michel. 1969. O Que é um Autor? In: Manoel Barros da Motta. *Ditos e Escritos III. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. P.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FRANCO, Clarisse de. 2008. *A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo*. Dissertação de mestrado em ciência da religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FREDERICI, Silvia. 2017. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante.

GAMA, Fabianne. 2020. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose Múltipla. *Anuário Antropológico*. Brasília: Open Edition Journals.

GUATTARI, Felix. 1990. *As três ecologias*. Campinas: Papirus.

GEERTZ, Clifford. 2009. *Estar lá, A antropologia e o cenário da escrita*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC).

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. (Org.) 2009. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HORTON, Richard. Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet*. S/p. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32000-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32000-6)

ISER, Wolfgang. 1996. *O Fictício e o Imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo:

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. (Org). 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

PEIRANO, Marisa. 2014. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *O terror e a dádiva*. Goiânia: Cânone Editorial, 2004.

PERREE, Caroline. 2016. La iconografía de la Santa Muerte: antropología de una imagen abierta. In La Santa Muerte, Espacios, cultos y devociones. In: Alberto Hernández Hernández, *Santa Muerte, Espacios, cultos y devociones*. México: El Colegio de la Frontera Norte y el Colegio de San Luis. p. 207-227.

RAIMONDI, Gustavo Antônio. 2019. *Corpos que (não) importam na prática médica: Uma autoetnografia performática do corpo gay na academia médica*. Tese de doutorado em Saúde Coletiva na área de concentração de Ciências Sociais em Saúde. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.

SILVA, Maria Cristina da. 2015. *Antropologias do sensível: Etnografia e ficção como artes de fazer pesquisa*. Maceió: EDUFAL. p. 01-16. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21246>

SUZAK, Markus. 2015. *A menina que roubava livros*. Rio de Janeiro: Editora intrínseca

TITÃS. 2002. Epitáfio. *Álbum: Melhor Banda de Todos Os Tempos da Última Semana*. Compositores: Sergio Affonso / Eric Silver. Rio de Janeiro: Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda, 2002.

TSING, Ana. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécie no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

Enviado: 13/10/2022

Aceito: 10/03/2023